UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU–CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS–DLV
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

ITALA MORGANA TARGINO

RACISMO NA WEBJORNAL: UMA ANÁLISE DAS IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM NAS REPORTAGENS SOBRE O BBB 2024 NO SITE G1

PATU/RN
2024

ITALA MORGANA TARGINO

RACISMO NA WEBJORNAL: UMA ANÁLISE DAS IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM NAS REPORTAGENS SOBRE O BBB 2024 NO SITE G1

Monografia apresentada como requisito entregue de avaliação da disciplina seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery, do curso de Letras, no *campus* Avançado de Patu-CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti
Linha de pesquisa: Linguística Aplicada

PATU/RN
2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

T185r Targino, Itala Morgana
RACISMO NA WEBJORNAL: UMA ANÁLISE DAS IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM NAS REPORTAGENS
SOBRE O BBB 2024 NO SITE G1. / Itala Morgana Targino. - Patu/RN, 2024.
43p.

Orientador(a): Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti. Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Racismo. 2. Webjornalismo. 3. Ideologias de linguagem. 4. BBB. I. Almeida Inhoti, Aline. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

ITALA MORGANA TARGINO

RACISMO NA WEBJORNAL: UMA ANÁLISE DAS IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM NAS REPORTAGENS SOBRE O BBB 2024 NO SITE G1

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Seminário de Monografia II, ministrada pela Profa. Dra. Luciana Fernandes Nery, do Curso de Letras, no *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte– UERN.

Aprovada em: 10/12/2024

Banca examinadora

Aline Almeida Inhoti

_____

Prof.ª Dr.ª Aline Almeida Inhoti (Orientadora)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Andréia A. da Nóbrega

_____

Prof.ª Dr.ª Andréia Araújo da Nóbrega (Examinadora 1)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Brenda de Freitas

_____

Prof.ª Ma. Brenda Freitas (Examinador 2)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Ao meu Tio Raimundinho (*in memoriam*), que me ensinou a enfrentar os obstáculos,
superar os medos e buscar os sonhos.
Eu te amarei para sempre.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e de todos, meu primeiro agradecimento vai para Deus. Ele me sustentou desde o início dessa caminhada, guiando-me e fortalecendo-me quando me sentia desamparada e perdida em um mundo de tristeza. Em momentos de solidão, desânimo, inutilidade e falta de confiança, foi ele quem esteve ao meu lado. Jamais imaginei que poderia vencer algo contra o qual lutei tanto para que minha mãe superasse: a depressão e a ansiedade. Mas, com a ajuda de Deus, eu venci. A faculdade é um lugar que nos desafia e, muitas vezes, nos destrói psicologicamente, mas Deus é capaz de curar tudo. Obrigada, meu Deus!

Mãe é por você! Sempre será por você! Telma Maria Targino Dantas, sinônimo de garra, força e disposição para enfrentar os obstáculos. Que alegria é chegar ao final desta fase e ter você ao meu lado! Eu te amo tanto! Minha mãezinha quero deixar aqui meu agradecimento por tudo o que você fez por mim ao longo desse processo — desde preparar minha comida para que estivesse pronta quando eu chegasse da faculdade, até os conselhos e o amor incondicional. Então, mãe, todo o sacrifício que fez por mim está retribuindo hoje, e ainda vem muito mais! Obrigada pela paciência, mesmo quando eu menos merecia. Sou infinitamente grata por tudo. Eu te amo infinito!

À minha família, deixo meus sinceros agradecimentos pelo apoio e pelas palavras de conforto! À minha tia caçula e aos meus tios Tércio, Marcones, Hélio e Raimundo, obrigada por estarem comigo e não soltarem minha mão quando eu mais precisei. Às minhas primas Melka, Alinne, Roberta, Pollyara, Rayssa e Vitória, agradeço pela força e pelo incentivo para eu continuar e não desistir. Aos demais familiares, agradeço também por fazerem parte desse processo tão importante na minha vida.

Meu tio Raimundinho, sua ausência ainda dói profundamente em meu coração. Sua partida me abalou de uma forma que, por um momento, pensei em desistir de tudo. Mas foi lembrando do quanto o senhor desejava me ver alcançar esse momento que encontrei forças para continuar. Hoje, com lágrimas nos olhos, escrevo este agradecimento cheio de saudade e amor. Sua presença continua viva

em minhas lembranças e no meu coração. Amo-te para sempre, e sei que, onde quer que esteja, está celebrando comigo essa conquista.

Ao Luiz Felipe, meu namorado, agradeço pela paciência indescritível nos meus momentos de aflição, angústia, tristeza e estresse. Você esteve sempre ao meu lado, sempre ouviu meus desabafos, dizendo: "Vai dar certo", "Você vai conseguir", "Está pertinho". Meu amor, obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu duvidei de mim mesma, e por ser o meu porto seguro em meio a tantos desafios. Essa conquista também é sua, porque sem o seu amor e sua presença, o caminho teria sido muito mais difícil. Prometo te encher de orgulho e te proporcionar momentos incríveis ao meu lado. Obrigada por ser meu sol em dias chuvosos. Eu te amo!

Stefanny Barreto, minha amiga e irmã, agradeço de coração por ser a luz que iluminou minha vida acadêmica durante todo esse tempo. Você foi a calmaria que eu tanto precisava, meu socorro e meu refúgio. Sem dúvida, eu não teria conseguido chegar até aqui sem o seu apoio, suas palavras de força e a ajuda nos momentos mais difíceis. Obrigada por ser um verdadeiro anjo em minha vida, por ser uma amiga de verdade, sempre presente e cheia de amor. Sua luz e bondade fizeram toda a diferença nessa jornada. Eu te amo e sou eternamente grata por tudo!

Aos meus queridos colegas Lília, Lucas, Zaíra, David, Matheus, Libegna, Ana Vitória, Ingridy Nogueira e Juliany, minha mais sincera gratidão. Obrigada pelas palavras de apoio, pela preocupação e pelo cuidado que sempre demonstraram por mim. Vocês foram verdadeiros anjos ao meu lado durante essa jornada. Cada um de vocês ocupa um lugar especial no meu coração. Eu amo todos vocês e levarei essas lembranças comigo para sempre!

Na vida, encontramos pessoas que torcem genuinamente pela nossa felicidade e pelo nosso sucesso. Tive a sorte de ter ao meu lado Expedito, Neuma e João Paulo que, infelizmente, já não estão mais conosco. É doloroso não ter vocês fisicamente neste momento tão especial, mas tenho certeza de que, onde quer que estejam, estão celebrando comigo essa conquista.

Quero expressar minha profunda gratidão aos professores que tive a honra de ter como mestres. Meu sincero obrigada às professoras Brenda Freitas, Leidiana Alves, Lara Rocha, Keila Lairiny, Beatriz Ferreira e Luciana Nery por me apoiarem e me incentivarem, mesmo que, às vezes, com palavras firmes. Vocês foram

fundamentais para que eu encontrasse forças e motivação para continuar. Levarei para sempre, no coração, as lições valiosas que aprendi com cada uma de vocês. Meu muito obrigada!

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti, por ser o exemplo de professora que desejo seguir. Nosso primeiro contato foi no Projeto Papel e foi nesse momento que percebi o quanto ela se importa com seus alunos. Sua alma transborda amor e dedicação. Minha professora, obrigada por ser a luz que ilumina a vida dos seus alunos, por me aceitar e por me acolher nos momentos de aflição. Obrigada por demonstrar compreensão quando eu enfrentava dificuldades. Sua generosidade e empatia fazem de você alguém verdadeiramente especial!

Agradeço à Professora Dra. Andréia Nóbrega, que, apesar de não me conhecer pessoalmente, gentilmente se dispôs a participar da minha banca de defesa. Tenho certeza de que suas contribuições serão valiosas para o meu trabalho.

Agradeço também à minha querida Professora Ma. Brenda Freitas, que mais uma vez se dedicou a contribuir para o meu desenvolvimento acadêmico. Sou profundamente grata pelos ensinamentos e pelas valiosas contribuições que me proporcionou ao longo da minha trajetória.

A língua não tem cor.

(Nascimento, 2019, p.20)

RESUMO

O presente trabalho acadêmico tem como objetivo analisar as ideologias linguísticas presentes nas reportagens do site G1 sobre o Big Brother Brasil 2024 (BBB 2024), com foco na investigação de como a mídia aborda as questões raciais no Webjornalismo. A pesquisa busca compreender de que forma a linguagem contribui para a construção de estereótipos e racismo nas reportagens do site G1. A abordagem metodológica utilizada foi a análise através da perspectiva dos autores como principal aporte teórico, como os estudos de Cavalcanti (2007), Moita Lopes (2006), Schucman (2012), Nascimento (2019), Schawawcz (2005), Conceição (2020) e Munanga (1997). Nesse contexto, foram examinadas reportagens selecionadas do site G1, permitindo a observação de aspectos linguísticos, como a abordagem da temática do racismo e as ideologias da linguagem constituintes das reportagens do G1. Os resultados indicam que, em diversas situações, a linguagem empregada nos textos jornalísticos reforça estereótipos e racismo, perpetuando discriminações de forma implícita. Identificou-se também o uso de termos com conotações racistas, que contribuem para a naturalização desses discursos. Assim, mesmo ao relatar fatos relevantes, o webjornalismo do G1 acaba por colaborar, ainda que indiretamente, para a normalização de práticas discursivas racistas. A análise revelou que o *site* carece de um posicionamento mais crítico e consciente diante dessas questões. Conclui-se que o webjornalismo, ao transmitir informações sobre acontecimentos, desempenha um papel crucial na formação das ideologias da linguagem. A pesquisa destaca a importância de as pessoas analisarem como os sites constroem suas reportagens, sendo fundamental que os veículos de webjornalismo adotem uma postura mais responsável em busca da justiça social. Este estudo contribui para as discussões acadêmicas, incentivando uma reflexão sobre a mídia, as reportagens, a linguagem e o racismo.

Palavras-chave: Racismo; Webjornalismo; Ideologias de linguagem; BBB.

ABSTRACT

This academic paper aims to analyze the linguistic ideologies present in the reports on the G1 website about Big Brother Brasil 2024 (BBB 2024), with a focus on investigating how the media approaches racial issues in web journalism. The research seeks to understand how language contributes to the construction of stereotypes and racism in the reports on the G1 website. The methodological approach used was analysis through the perspective of the authors as the main theoretical contribution, such as the studies by Cavalcanti (2007), Moita Lopes (2006), Schucman (2012), Nascimento (2019), Schawawcz (2005), Conceição (2020) and Munanga (1997). In this context, selected reports from the G1 website were examined, allowing for the observation of linguistic aspects, such as the approach to the theme of racism and the language ideologies that make up the G1 reports. The results indicate that, in various situations, the language used in journalistic texts reinforces stereotypes and racism, perpetuating discrimination implicitly. We also identified the use of terms with racist connotations, which contribute to the naturalization of these discourses. Thus, even when reporting relevant facts, G1's web journalism ends up collaborating, albeit indirectly, to the normalization of racist discursive practices. The analysis revealed that the site lacks a more critical and conscious stance on these issues. The conclusion is that web journalism, in transmitting information about events, plays a crucial role in shaping language ideologies. The research highlights the importance of people analyzing how websites construct their reports, and it is essential that web journalism outlets adopt a more responsible stance in pursuit of social justice. This study contributes to academic discussions, encouraging reflection on the media, reporting, language and racism.

Keywords: Racism; Webjournalism; Language ideologies; BBB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Reportagem 1.....30

Figura 2 – Trecho do corpo da reportagem.....32

Figura 3 – Histórico de pesquisa da reportagem.....34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
CAPÍTULO 2 - LINGUÍSTICA APLICADA E IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O RACISMO E SUA REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA DIGITAL 19
2.1 Linguística Aplicada e as ideologias da linguagem 19
2.2 Racismo: um olhar para a linguagem 22
2.3 Racismo no Webjornalismo 25
CAPÍTULO 3 - AS IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM PRESENTES NO WEBJORNAL **29**
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 38
REFERÊNCIAS 41

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é o principal meio de comunicação dos indivíduos, permitindo-nos expressar ideias e interagir com o mundo. Ela está presente em todas as esferas da vida humana, como a sociedade, a economia e a política. Para compreender melhor os mecanismos que a linguagem proporciona, o estudo da Linguística Aplicada (LA) é essencial, pois oferece uma perspectiva ampla sobre o papel da linguagem no mundo. Nesse sentido, Moita Lopes (2006, p. 140) define a Linguística Aplicada como “um modo de criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central”. Esse campo busca compreender os problemas sociais vinculados à linguagem, indo além do estudo isolado da língua e explorando suas conexões com questões mais amplas da sociedade.

Um exemplo do cotidiano é a maneira como usamos a linguagem como interação social para resolver problemas do dia a dia, dialogando com argumentos para possíveis soluções. A linguagem reflete o que há no nosso interior. Ademais, a Linguística Aplicada busca não somente compreender os aspectos linguísticos, mas também colocar esse conhecimento para resolver questões relacionadas à língua e à comunicação em diversos cenários. Desse modo, a linguagem nos proporciona uma diversificação de entendimentos e nos instiga com a relação entre linguagem e racismo.

Por meio da linguagem, construímos a comunicação social, possibilitando a interação entre os seres humanos. A relação entre linguagem e racismo torna-se evidente ao considerarmos que, através da língua, são manifestados pensamentos e atitudes. Assim, a linguagem pode funcionar como uma ferramenta que perpetua racismo e estereótipos. Dessa forma, linguagem e racismo estão intrinsecamente associados, tanto na manutenção de desigualdades quanto na reprodução de práticas discriminatórias.

A linguagem e o racismo estão ligado, com isso é preciso entender o que é raça e Schucman (2021, p. 41), "mesmo esse critério não tendo nenhuma realidade biológica, o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à raça significa legitimar diferenças sociais." Desse modo, considerar a “raça” como uma categoria fixa empregada pela elite branca, pode

resultar em perpetuação de estereótipos, preconceitos, racismo e estratificações sociais.

O racismo é comum até hoje e o mais impactante há séculos é perpetuado na nossa sociedade, desde colonização até os dias atuais. Então, neste trabalho buscamos analisar as reportagens, tendo como foco é visto o racismo a partir da linguagem. Cientes de que a mídia pode contribuir na perpetuação de racismo, ideologias da linguagem sustentam termos racistas para expor alguma situação, detalhar algum acontecimento. Segundo Nascimento (2019, p. 22), “a língua não tem cor, mas quando se trata de políticas sociais à língua tem cor, gênero, etnia e até orientação sexual”. Então, não importa o que fala e sim de qual raça o sujeito é, a branquitude trabalha com esses aspectos ideológicos na linguagem.

O termo racismo é carregado de significados políticos devido às complexas interações entre questões sociais, econômicas e políticas. Ao longo das décadas, esse tema tem sido objeto de intensos debates e análises de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, como Ciências Sociais, Ciências Humanas, Letras entre outras. As preocupações em torno do conceito de racismo vão além da noção de raça, abarcando não apenas questões individuais, mas também estruturas e instituições que perpetuam a desigualdade.

No Brasil, a opressão provocada pelo racismo se reflete na exclusão social e política, evidenciando uma estrutura profundamente enraizada na sociedade que permeia diversos aspectos, dos quais requerem uma compreensão contínua através das perspectivas racista e antirracista. Como dito antes, existem vias *online* como web jornal e TV que tem como objetivo manter a sociedade ligada aos fatos ocorridos no mundo de forma que as informações sejam recebidas em tempo real. A mídia social é fonte de estereotípicos envolvendo raça e racismo e o nosso Brasil é um país composto por uma diversidade de canais de TV como Globo, SBT, TV cultura e entre outros que impõe à sociedade programas do tipo jornalismo, novelas e outros, a TV Globo é uns dos maiores programas de TV no Brasil.

A TV Globo é uma rede de televisão comercial brasileira que possui mais de 120 emissoras próprias. O canal foi inaugurado em 26 de abril de 1965. Antes de sua inauguração, em 1962, a emissora assinou um contrato, que se estendeu até 1969, com o grupo norte-americano Time-Life. Com esse contrato recebeu 5 milhões de dólares na transação. A Globo disponibiliza programas de gêneros diversos, tais

como telenovelas, telejornais, reality shows, entre outros. É importante destacar que o reality show tem um papel significativo na sociedade atual, pois combina aspectos da vida real e da ficção, sendo transmitido ao vivo para uma audiência global.

No Brasil, esse formato de programa foi inserido em 2000 com “No Limite", exibido pela Rede Globo. Entretanto, sua verdadeira popularidade como fenômeno cultural veio mais tarde, especialmente com o impacto de atrações como “Casa dos Artistas", (Sistema Brasileiro de Televisão- SBT), e “Big Brother Brasil” da rede Globo.

O programa conhecido como “Big Brother” se originou na Holanda em 1999 pela empresa Endemol e logo se tornou um sucesso global devido à grande audiência que conquistou ao longo dos episódios. Transmitido em cerca de 21 países, o programa gerou lucros significativos para as emissoras locais. O programa Big Brother Brasil (BBB) se constitui como um microcosmo social significativo, onde os participantes estão em constante busca pelo prêmio final que envolve não apenas dinheiro, mas também fama e sucesso. Essa busca implica diversos desafios como a gestão das relações interpessoais dentro da casa, frequentemente envolvendo situações de agressões verbais, uso de palavras com conotação pejorativa, insultos e manifestações de racismo, experiências vividas tanto pelo campeão do BBB 2024, quanto por outros participantes.

A presença do “Big Brother Brasil 2024” é notável em todo o mundo. Um dos participantes, Davi Brito, um jovem de 21 anos, natural da Bahia que trabalhava como motorista de aplicativo antes do programa acabou se destacando, mas também se envolveu em situações conflituosas durante sua participação na casa, incluindo incidentes relacionados a questões raciais que foram amplamente divulgados pela mídia. Como todo fenômeno social, os meios de comunicação apresentam aspectos positivos e negativos. A problemática central reside na disseminação rápida de informações contraditórias. Quando se discute questões como o racismo, conforme evidenciado pela cobertura do site G1 sobre os eventos envolvendo os participantes do Reality Show.

Nas reportagens do G1 sobre o racismo no BBB 2024, várias possibilidades de ideologias da linguagem podem ser exploradas, desde o uso de termos estigmatizados até a discussão sobre como certas expressões linguísticas podem

perpetuar estereótipos raciais. A cobertura também pode analisar como a linguagem é utilizada para confrontar ou reproduzir preconceitos.

O racismo tem sido um tema recorrente no Big Brother Brasil (BBB), especialmente em sua edição de 2024, onde incidentes racistas ganharam destaque nas reportagens do G1. Essas matérias não se limitam a relatar eventos específicos, mas também exploram o contexto mais amplo de representação racial e sensibilização social, refletindo sobre como esses episódios afetam a percepção pública. Através de entrevistas com especialistas e análises detalhadas da linguagem utilizada, as reportagens buscam desvendar as ideologias linguísticas que sustentam as práticas racistas, permitindo uma reflexão crítica sobre as interações dentro do programa. Assim, a cobertura do G1 contribui para um debate essencial sobre racismo e suas manifestações na cultura brasileira, destacando a importância de uma abordagem consciente e informada sobre o tema.

O portal G1 é reconhecido como um dos principais veículos de notícias no Brasil cuja audiência se dá de forma ampla. Então, mostrar estudos à população sobre como a mídia influencia racismo nas reportagens do G1 sobre o BBB 2024 pode ser um modo de reflexão sobre as percepções e posicionamentos neutros sobre o sistema jornalístico. Apesar de haver inúmeros trabalhos sobre o racismo estrutural, é importante analisar esses aspectos que exploram as ideologias da linguagem nas reportagens do G1.

Com isso, a presente pesquisa pode enriquecer o campo dos estudos linguísticos, oferecendo uma compreensão mais profunda acerca do racismo e ideologias da linguagem na mídia jornalística. É de interesse pessoal da pesquisadora investigar a amplitude das manifestações da ideologia da linguagem em contextos ligados ao racismo, pois se acredita que este trabalho poderá contribuir com o crescimento acadêmico e profissional, visto que irá explorar novas áreas de estudo e ampliar o conhecimento sobre comunicação digital e linguagem.

Diante disso, as questões de pesquisa que orientam esse estudo são: as reportagens do site G1 sobre o Big Brother Brasil 2024, ao utilizarem a linguagem, contribuem para construir e perpetuar estereótipos raciais? De que forma as ideologias linguísticas presentes nas reportagens refletem ou combatem o racismo?

Para responder a essas questões, o objetivo geral da pesquisa é analisar as ideologias da linguagem presentes nas reportagens do site G1 sobre o Big Brother

Brasil 2024 (BBB 2024). Especificamente, este estudo visa: i) investigar como a mídia aborda as questões raciais no Webjornalismo; ii) compreender de que forma a linguagem contribui para a construção de estereótipos e desigualdades raciais nas reportagens do site G1.

Visando atingir os objetivos desta pesquisa, responder os questionamentos levantados e aprofundar o conhecimento da problemática, esta pesquisa realiza uma investigação que se caracteriza como uma pesquisa de cunho bibliográfico. Para Martins Junior (2012, p. 49), a pesquisa bibliográfica “busca em fontes impressas ou eletrônicas, ou na literatura cinza, as informações que necessita para desenvolver uma determinada teoria”. Assim, é possível adquirir conhecimentos a respeito do assunto que se pretende investigar. Este estudo seguirá a abordagem qualitativa.

De acordo com Brito, Oliveira e Silva (2021, p.4), “a opção pela abordagem qualitativa é perfeitamente cabível quando a pesquisa a ser desenvolvida requer visão ampla do objeto que será estudado e suas relações no que diz respeito aos aspectos sociais, políticos e culturais”. Assim, pesquisas dessa natureza preocupam-se com a compreensão e a interpretação dos dados e não com a sua quantidade.

Desse modo, desenvolve-se também uma pesquisa de cunho explicativo, pois “além de registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados procura identificar seus fatores determinantes, ou seja, suas causas” (Andrade, 2017, P.22). Sendo assim, este estudo busca identificar as causas dos fenômenos que serão estudados. Nesse contexto, a análise dos dados desta pesquisa, isto é, das reportagens do site G1 e suas ideologias, se dará de forma descritiva e explicativa.

Centrando a pesquisa nos estudos da Linguística Aplicada (LA), pretende-se investigar como as ideologias linguísticas estão presentes nas reportagens do site G1 e se elas sustentam, por meio da linguagem, o racismo nas reportagens do webjornalismo. Para tanto, serão utilizados como principal aporte teórico os estudos de Cavalcanti (2007), Moita Lopes (2006), que tratam da Linguística Aplicada Indisciplinar e outros estudos da Linguística Aplicada (LA) que sustentam a realização da pesquisa.

Para tratar da raça e racismo, este trabalho se apoiará nas concepções de diferentes teóricos, a saber: Schucman (2012) que fala acerca do racismo estrutural; Nascimento (2019) para entender o racismo linguístico; Carneiro (2005) que aborda sobre o epistemicídio; Schawawcz (2005) que discute sobre o espetáculo das raças;

Conceição (2020) que trata da branquitude enquanto um dilema racial brasileiro; Munanga (1997) que debruça-se sobre o tema negritude, seus usos e sentidos, entre outros. Para as ideologias da linguagem tivemos Irvine e Gal (2000) e Irvine (1989). O corpus deste trabalho constitui-se em três reportagens do G1, em que se investigará as ideologias da linguagem relacionada às práticas racistas na linguagem.

Os teóricos que foram utilizados ao longo da construção deste estudo possibilitaram o esclarecimento dos questionamentos que norteiam e contribuem para o desenvolvimento deste estudo sobre investigação das ideologias da linguagem presentes nas reportagens do site. Sendo assim, é necessário conhecer os teóricos que irão fundamentar a pesquisa e os procedimentos metodológicos.

O trabalho se estrutura da seguinte forma: o primeiro capítulo inicia com a introdução que contextualiza os aspectos fundamentais deste estudo. Em seguida, no segundo capítulo teórico, abordaremos a linguagem na perspectiva da Linguística Aplicada, o racismo linguístico e o webjornalismo, apresentando os fundamentos teóricos necessários para embasar as análises subsequentes.

Já o terceiro capítulo é dedicado à análise de trechos retirados do site G1, utilizando-os como evidências para investigar possíveis ideologias linguísticas presentes nos textos jornalísticos. Neste capítulo, analisamos como a mídia, por meio do webjornalismo, transmite informações, investigando as ideologias da linguagem nas reportagens do site G1 sobre o tema do racismo.

Sendo assim, o aporte teórico-metodológico desta pesquisa torna-se indispensável para compreender como a LA trabalha no campo linguístico e como o racismo na linguagem se perpetua no Brasil nos âmbitos comunicativos e informativos. Desse modo, a pesquisa contribuirá para melhor compreensão de práticas racistas, assim a sociedade pode despertar o interesse em investigar essas formas de linguagem racistas.

CAPÍTULO 2 - LINGUÍSTICA APLICADA E IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O RACISMO E SUA REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA DIGITAL

Neste capítulo, inicialmente há uma breve explanação teórica sobre Linguística Aplicada, estabelecendo relações com as ideologias da linguagem e destacando os principais autores e suas contribuições nesse campo de estudo. No decorrer dos estudos, relacionamos teorias e a análise de algumas reportagens da webjornal G1 sobre o BBB 2024, abordagens essas que, posteriormente, no capítulo de análise, são aprofundadas com os estudos.

Em seguida, discutimos os conceitos-chave que sustentam a pesquisa, como os estudos do campo da Linguística Aplicada vem tomando proporção nos dias atuais na qual vivemos com diversidades linguísticas, buscando suas definições e implicações. Esta seção visa proporcionar ao leitor uma compreensão aprofundada das questões teóricas que cercam o tema, além de situar a pesquisa dentro do panorama acadêmico atual.

Por fim, são apresentadas as lacunas identificadas na linguagem no Webjornalismo evidenciando a relevância da pesquisa. Ao final deste capítulo, espera-se que o leitor esteja apto a compreender a fundamentação teórica que orienta esse estudo, preparando-o para as análises e discussões que se seguirão nos capítulos subsequentes.

2.1 Linguística Aplicada e as ideologias da linguagem

Os estudos das ideologias da linguagem nos presenteiam com conhecimentos vastos na linguagem. Ao aprofundar os estudos que permeiam o campo discursivo na mídia, é interessante que se tenha estudos sobre a perspectiva jornalística da temática racismo, no entanto, esses estudos estão habituados no contexto social, cultural e político. Nesse aspecto, entender as ideologias da linguagem vai amuito além do estudo da língua, assim, é essencial analisar como os sites lidam com a temática racismo.

Além disso, é imperativo adotar uma perspectiva que permita a observação dos contextos em que as pessoas moldam e reinterpretam as normas e os usos da linguagem. Assim, uma análise abrangente das ideologias linguísticas demanda uma

perspectiva interdisciplinar que considere não apenas a estrutura da língua, mas também seu papel dinâmico na formação da identidade e na expressão. O campo da linguística aplicada, enquanto ideologia linguística, desempenha um papel fundamental na análise de como o *site* aborda discursivamente a temática do racismo no BBB 2024. Essa perspectiva nos permite desvelar as nuances e as estratégias linguísticas que moldam a discussão e a percepção sobre questões raciais neste contexto.

De acordo com Cavalcanti (2007), o conceito de língua não é estático; ao contrário, os estudos linguísticos enfatizam a neutralização e reformulação da diversidade que compõe o mosaico linguístico. Portanto, a formulação de políticas educacionais que envolvem língua e linguagem exige uma análise profunda dos sujeitos envolvidos. Nesse objeto de estudo, abordamos as ideologias de linguagem presentes nas reportagens do site G1, investigando a temática do racismo.

Para isso, é fundamental compreender o conceito de ideologias de linguagem e os estudos da Linguística Aplicada, a fim de contextualizar adequadamente nosso estudo. Michael Silverstein (1979, p. 193) define ideologias da linguagem como "um conjunto de crenças sobre linguagem articulado pelos usuários como uma racionalização ou justificação da estrutura e uso linguístico percebido". Essas concepções ideológicas permeiam todos os grupos sociais da linguagem.

Irvine e Gal (2000, p. 37) argumentam que as ideologias da linguagem não são apenas fatores individuais, mas também envolvem questões morais que impactam diretamente a diversidade linguística. A linguagem carrega consigo essas ideologias que permeiam até atualmente, para tanto, esse aspecto está presente constantemente nos discursos sobre racismo principalmente em webjornalismo.

Segundo Irvine e Gal (2000, p. 77), "as pessoas constroem representações ideológicas das diferenças linguísticas", criando ideologias além da valorização da língua padrão. Essas ideologias frequentemente essencializam línguas como correspondentes a representações de grupos sociais, contribuindo para a hierarquização da linguagem e promovendo preconceitos contra a diversidade linguística.

Desse modo, compreendemos que a estruturação da linguagem não se limita ao que tem sido relatado ao longo desta pesquisa. Mas as ideologias da linguagem

vão muito mais além. É através da linguística aplicada e os estudos ideológicos da linguagem que compreendemos melhor a esse estudo sobre as mídias jornalísticas.

A Linguística Aplicada é um campo de estudo que, além de explorar teoricamente a linguagem, também investiga seu impacto na sociedade. Este campo analisa como a linguagem molda interações sociais, práticas culturais e contextos comunicativos. A linguística pode ser examinada sob múltiplas perspectivas, incluindo a sociologia e a filosofia, entre outras. Essa interdisciplinaridade enriquece a compreensão da linguagem e suas complexas interações sociais.

Moita Lopes (2006) afirma que essa nova abordagem trouxe uma visão renovada da linguística, introduzindo o conceito de Linguística Aplicada indisciplinar. Trata-se de uma oportunidade para os estudiosos da linguagem ampliarem sua compreensão do campo por meio de diversas áreas, promovendo, assim, uma expansão do conhecimento. Assim, veremos o que o autor diz:

> [...] minhas participações em congressos interdisciplinares em várias partes do mundo (especialmente, nos campos de estudos culturais, ciências sociais, estudos de gênero e sexualidade e teorias socioculturais) que me conduziram à necessidade de pensar uma linguística aplicada (LA) que dialogasse com teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e humanas (Lopes, 2006, p. 14).

Moita Lopes (2006) chama essa nova concepção de Linguística Aplicada (LA) 'mestiça', justamente por interligar teorias que podem ampliar e aprofundar os conhecimentos sobre a linguagem.

Pensando dessa forma, assim como a Linguística Aplicada Indisciplinar traz contribuições significativas, ela oferece uma base sólida para a análise e fundamentação deste estudo. A pesquisa tem como objetivo aprofundar a análise das reportagens temáticas sobre o racismo no BBB 2024. Com o apoio da Linguística Aplicada, examinaremos tanto a maneira como essa temática é abordada linguisticamente quanto às ações sociais presentes e como estas interagem com o racismo no webjornalismo.

Essa perspectiva nova sobre LA busca compreender as interconexões que permeiam a comunicação. Dessa forma, o autor faz uma crítica para os estudos que focam somente na língua isolada, mostrando que há diversas possibilidades de ver muito mais além da língua.

2.2 Racismo: um olhar para a linguagem

O racismo trata-se de uma prática que, sustentada por uma ideologia de supremacia da raça branca, fundamenta-se na crença de que características físicas, como a cor da pele e traços fenótipos, determinam a superioridade ou inferioridade das pessoas e grupos. Essa perspectiva negativa perpetua divisões sociais e preconceitos, retraindo a riqueza da diversidade humana. Com isso, cria um ambiente de discriminação e preconceito, resultando na marginalização e opressão de indivíduos em função de sua raça ou etnia. Essa dinâmica perpetua injustiças sociais e limita oportunidades de convivência. Desse modo, para entendermos melhor o que é o racismo, veremos abaixo o que a teórica tem a dizer:

> [...] o racismo é mais especificamente entendido como uma construção ideológica, que começa a se esboçar a partir do século XVI com a sistematização de ideias e valores construídos pela civilização europeia, quando estes entram em contato com a diversidade humana nos diferentes continentes, e se consolida com as teorias científicas em torno do conceito de raça no século XIX (Schucman, 2021, p. 33).

Schucamn (2021) enfatiza que o racismo é uma construção ideológica que se origina na articulação de diferentes ideologias, cujas raízes remontam ao século XVI. Além disso, o racismo não se restringe a um conjunto de atitudes individuais; trata-se de uma ideologia complexa e profundamente enraizada, que atravessa sociedades e culturas. Ele acredita que envolve sistemas de pensamentos, crenças e valores que sustentam a ideia até hoje. O racismo transcende a mera soma de atitudes ou comportamentos negativos; é, na verdade, uma construção ideológica complexa que se consolidou ao longo da história.

Essa camada de complexidade reflete-se nas dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam as interações humanas. Ela propõe que as raízes do racismo remontam ao século XVI, período em que os europeus, ao se depararem com diversas culturas e etnias, começaram a estruturar conceitos e valores que criavam hierarquias entre distintos grupos humanos. Esse processo de sistematização de ideias e valores teve um impacto duradouro nas relações interétnicas, fomentando desigualdades que perduram até os dias atuais.

Além disso, o racismo configura-se como uma forma insidiosa de discriminação, dirigida especificamente à raça, e se revela através de práticas que

podem ser tanto conscientes quanto inconscientes. Essa complexidade torna o combate ao racismo um desafio significativo na busca por igualdade e respeito entre os indivíduos. Diversos termos linguísticos emergiram da ótica da população branca. Esses termos linguísticos e ideológicos persistem até os dias atuais. Atualmente, a geração contemporânea pode não estar plenamente ciente das expressões racistas que permeiam nosso vocabulário brasileiro.

É imperativo reconhecê-las, a fim de fomentar um diálogo mais consciente e inclusivo. Embora seja impossível determinar uma data exata para o surgimento do racismo, é factível afirmar que essas concepções racistas começaram a se espalhar nos séculos XVI e XVII, épocas caracterizadas pela colonização do continente sul-americano. A partir do século XVI, durante a era das grandes navegações e da expansão colonial, os europeus passaram a estabelecer contato com diversas culturas e povos ao redor do mundo. Após esses eventos, surgiu a necessidade de elucidá-los e justificar a dominação europeia sobre esses povos. Ideias e valores foram elaborados para justificar essa superioridade percebida, formando uma estrutura de raciocínio que, com o tempo, culminou no racismo.

O contato com culturas não europeias e a diversidade étnica e cultural encontrada durante a expansão colonial desafiaram as visões eurocêntricas de superioridade. Isso motivou ainda mais a necessidade de categorizar e hierarquizar grupos humanos com base em características percebidas, como cor da pele, cultura e religião. A partir desse contexto histórico nasce o racismo estrutural, na qual está presente até nos dias atuais, seja na escola, em redes de televisão ou até mesmo na nossa própria casa.

Além disso, reconhecemos que o racismo continua sendo uma realidade em nossos dias. Apesar de todas as transformações sociais e tecnológicas que a humanidade viveu, ainda convivemos com a triste presença desses fenômenos. Com os significativos avanços no decorrer tempo, especialmente aqui no Brasil, seria esperançoso que a discriminação racial tivesse sido totalmente superada. Com isso, acreditamos que o racismo não deveria ter espaço em nossa sociedade, como erradicá-lo quando parte da elite que mais se posiciona em favor de uma sociedade antirracista é, muitas vezes, a mesma que perpetua práticas discriminatórias?

Este é um assunto abrangente e intrigante, que transpassa áreas dos conhecimentos, inclusive linguísticos, que no decorrer dessa pesquisa nos ajudará a

entender melhor esses aspectos que envolvem o racismo e a língua. Para que possamos centrar nossa análise no contexto do estudo em questão, propomos discutirmos o racismo linguístico à luz da perspectiva apresentada por Nascimento (2021) que diz:

> O racismo está na estrutura das coisas, precisamos admitir que a língua é uma posição nessa estrutura. Em minha hipótese principal aqui, entendo que o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação (Nascimento, 2021, p. 19).

Nascimento fala que o racismo é algo que se pode denominar somente em comportamentos físicos, o que mostra que o racismo está enraizado nas circunstâncias históricas, econômicas, culturais e políticas. Entretanto, ao falar em língua e racismo na perspectiva do autor, a língua desempenha um papel crucial nesse aspecto do preconceito racial, pois é através da língua que as formas de dominações racistas são reproduzidas.

Nesse contexto, a língua é percebida como um meio capaz de produzir, tanto internamente quanto externamente, preconceitos e estereótipos raciais. Assim, a língua(gem) se transforma em um instrumento que contribui com a perpetuação da desigualdade racial. Desde quando ele diz que "o racismo está na estrutura das coisas", é um reconhecimento das suas ideias sobre a perspectiva de que a língua, como uma estrutura, reflete o racismo. Em suma, Nascimento (2021) propõe uma reflexão acerca da língua, evidenciando que, como construção cultural e social, ela não apenas carrega, mas também reforça o sistema de opressão racial. Portanto, ele enfatiza que o racismo se manifesta de várias formas, inclusive através do uso da linguagem.

> O preconceito racial aqui é entrelaçado com o social e o linguístico (naquilo que quero chamar aqui de racismo linguístico, e que se desenha através do linguicídio, ou seja, do extermínio do outro não branco) fica mais aparente se nos detivermos nas políticas linguísticas (Nascimento 2021, p14).

Para Gabriel Nascimento (2021), o racismo linguístico em sua concepção é o preconceito racial está ligado às questões sociais e linguísticas. Assim, ele se refere às práticas racistas não somente em atitudes pessoais, mas também usando a

língua como ferramentas de opressão, exclusão e uso de estereotípicos. Nos capítulos posteriores, analisaremos as reportagens do site G1 que abordam assuntos racistas sobre o participante do BBB 2024, Davi Brito. Entretanto, nessas reportagens iremos ver como a linguagem está nesse processo de informação que envolve raça, políticas e economia. O participante, que foi o ganhador, esteve no elenco com diversos atritos com os outros participantes, na qual houve diversas práticas racistas.

Nascimento, ao falar de “Racismo linguístico” mostra como certas línguas ou variedades linguísticas associadas a grupos não brancos são desvalorizadas, expulsas ou mesmo “exterminadas” – o que ele chama de linguicídio. Esse linguicídio trata-se de uma forma de silenciar as expressões linguísticas de povos não brancos em ênfase às línguas marginalizadas ou consideradas inferiores pela sociedade dominante. Essa seria a tentativa de eliminar ou silenciar as formas de expressão linguística de povos não brancos, especialmente aqueles que falam línguas marginalizadas ou consideradas inferiores pela sociedade dominante. No contexto das desigualdades raciais e linguísticas, é fundamental compreender como os processos históricos e sociais moldam a língua.

Nesse sentido, Nascimento (2021) expõe que:

> Ao analisar esse processo de linguicídio, quero apresentar aqui que a língua não é só modificada, mas está sempre submetida aos projetos de poder. Ela própria é um projeto de poder, incluindo suas desigualdades, que funda nas origens nacionais o conceito moderno de língua nacional (Nascimento, 2021, p 21).

Em suma, o racismo não se limita apenas à cor da pele; ele se manifesta também na maneira como nos expressamos. Essa forma sutil de discriminação revela preconceitos enraizados que afetam nossas interações cotidianas. A respeito deste tema, observa-se que as políticas linguísticas são subestimadas pelos grupos majoritários.

2.3 Racismo no Webjornalismo

No século XXI, grandes evoluções estão ocorrendo. Essas transformações são fundamentais para melhorar e facilitar a vida das pessoas. Um dos principais

aspectos dessa evolução é a tecnologia, que cresce gradativamente e modifica o cotidiano de todos nós. Hoje, temos acesso a uma infinidade de programas e recursos tecnológicos, como a internet e os computadores, que nos levam a um mundo de informações. É como fazer uma viagem de conhecimento global sem precisar sair do conforto de casa.

O webjornal é uma plataforma que fornece informações sobre os acontecimentos globais. Neste contexto, é importante destacar a relevância dessa rede de transmissão para o nosso cotidiano, a ferramenta é de livre acesso e fácil de encontrar, mas antes de falar sobre esse termo, é preciso entender o modelo webjornal:

> O webjornal caracteriza-se pela convergência de linguagens e pela interatividade proporcionada pelo ambiente digital, utilizando a internet como plataforma de distribuição. O webjornal, diferentemente do jornal impresso ou dos veículos tradicionais, incorpora elementos multimídia, hipertextos e recursos que permitem uma atualização constante das notícias e a participação ativa dos leitores (Palacios, 2001, p).

O jornal é uma constante fonte de conteúdo proativo para o mundo. Antes da era digital, utilizamos jornais impressos, que nas cidades do interior eram frequentemente vendidos em bancas de rua ou correios. Atualmente, o jornal se transformou em um veículo dinâmico de multimídia, que socializa informações eletrônicas de maneira mais rápida e acessível. Contudo, se ainda estivéssemos utilizando jornais impressos? Essa reflexão nos convida a pensar sobre a importância da preservação da natureza, pois a nova era da informação nos permite o acesso ao conhecimento sem a necessidade de causar tanto impacto ao meio ambiente, evitando desmatações.

De acordo com Palacios (2008), no contexto da evolução do jornalismo, “a tendência era a existência de produtos vinculados não só ao modelo do jornal impresso, mas também às empresas jornalísticas cuja credibilidade e rentabilidade estavam associadas ao jornalismo impresso” (Palacios, 2008, p. 3). A transição do jornalismo impresso para outras formas de mídia evidencia como a credibilidade e a rentabilidade das empresas jornalísticas estavam historicamente ancoradas no formato impresso. Essa observação é crucial para entendermos o impacto da digitalização e da internet na transformação do jornalismo, em que a adaptação aos novos meios de comunicação passou a desafiar esse modelo tradicional. A evolução

para plataformas digitais, por exemplo, requer uma nova abordagem de credibilidade, ajustando-se às mudanças nas preferências do público e nas dinâmicas de consumo de informação.

A cultura, apesar de sua evolução ao longo do tempo, ainda carrega em nós lembranças do passado. Muitas vezes, essa memória gera uma "desconfiança" em relação ao novo. Assim, entendemos que, mesmo com a transição do jornal para a via digital, muitas pessoas ainda confiam mais na versão impressa.

Uma das características mais distintas do webjornalismo é sua notável capacidade de atualização em tempo real. Essa agilidade permite que as informações sejam disseminadas rapidamente, refletindo os eventos à medida que ocorrem. Ao contrário da mídia impressa, as notícias têm a capacidade de serem publicadas e atualizadas em tempo real, proporcionando aos leitores acesso a informações atuais e pertinentes. Além disso, a interação com o público é facilitada, uma vez que os leitores têm a oportunidade de comentar, compartilhar e discutir as matérias nas redes sociais.

O webjornal como qualquer vertente de informações *online* está sujeito a estereótipos relacionados ao racismo. Nesse contexto, a mídia fornece conteúdos ricos em informações que repassam à sociedade o que acontece ao redor do mundo, assim denominamos de jornal, seja físico (papel) ou em por via de sinal, ou seja, internet.

As plataformas digitais jornalísticas frequentemente lidam com o desafio do discurso de ódio, que pode incluir ataques diretos baseados em raça, etnia ou origem cultural. Isso pode manifestar-se em comentários, postagens em redes sociais, vídeos ou mesmo em artigos de notícias. Muitas vezes, a mídia digital reproduz estereótipos raciais através de imagens, vídeos ou narrativas que reforçam visões simplificadas e prejudiciais sobre grupos étnicos ou raciais específicos.

Nesse aspecto, nós, como leitores, estamos propensos a nos deparar com textos repletos de estereótipos e discursos de ódio, que utilizam a linguagem de maneira a expor fatos do cotidiano, degradando cor e raça. Mas, pensando positivamente nos aspectos jornalísticos, ao mesmo tempo que pode haver racismo por meio da linguagem nas reportagens, a *web* pode mobilizar movimentos antirracistas com o intuito de ganhar visibilidade, promovendo a conscientização.

Para combater o racismo na mídia digital, é essencial um esforço conjunto que envolva não apenas as plataformas, mas também a conscientização pública e a educação sobre a importância da diversidade e do respeito às diferenças culturais. O Brasil tem uma longa história de racismo, que se manifesta de diversas formas na sociedade, incluindo em programas de entretenimento como o BBB.

O reality show, por sua natureza de expor comportamentos e interações humanas intensamente vigiadas, frequentemente revela questões de preconceito racial, seja de forma sutil ou explícita. Em temporadas passadas do BBB, episódios de racismo foram amplamente discutidos pela mídia e pelo público. Incidentes como comentários pejorativos, piadas de mau gosto e exclusões sociais baseadas em raça foram documentados e causaram grande repercussão, destacando a necessidade de maior conscientização e educação sobre a questão racial.

O Big Brother Brasil (BBB), por exemplo, é um *reality show* que tem uma capacidade de refletir e influenciar a cultura e os debates sociais no Brasil. O tema do racismo dentro do BBB tem sido recorrente ao longo dos anos e, em 2024, não seria diferente, considerando o contexto histórico e social do país. A cada temporada nova surgem desafios, entretanto, é inevitável que a mídia jornalística não se aproprie do assunto para gerar conteúdo, a partir daí veremos as ideologias linguísticas nas reportagens do site G1.

O racismo no BBB 2024 não é apenas um fenômeno de entretenimento, mas também uma janela para questões sociais mais amplas no Brasil. Estudar esses fenômenos de um ponto de vista acadêmico pode fornecer estudos valiosos sobre como a mídia e a reflexão emocional das atitudes sociais em relação à raça, contribuindo assim para um debate mais igualitário.

CAPÍTULO 3 - AS IDEOLOGIAS DA LINGUAGEM PRESENTES NO WEBJORNAL

Este capítulo analítico examina as ideologias da linguagem presentes nas reportagens do portal G1 sobre o BBB 24, com foco especial nas questões raciais que emergem durante o programa. A análise se concentra em mostrar como a linguagem utilizada pelas reportagens contribui para a construção e perpetuação de estereótipos raciais, além de investigar a forma como a mídia digital trata os episódios de racismo.

A partir do caso envolvendo a participante Wanessa Camargo e o participante Davi Brito, buscamos compreender como o G1 apresenta esses acontecimentos, o que revela sobre as relações de poder e os preconceitos raciais presentes na sociedade brasileira.

Este capítulo também explora as estratégias discursivas adotadas pela mídia para influenciar a percepção pública sobre os envolvidos, refletindo sobre o papel do webjornalismo na manutenção ou desconstrução de práticas discriminatórias. Ao final, buscamos evidenciar como a linguagem pode reforçar desigualdades raciais ou, ao contrário, servir como um meio para sua reflexão crítica.

3.1 As ideologias da linguagem nas reportagens do G1 sobre o BBB 2024

O webjornalismo tem ganhado cada vez mais espaço com o avanço da tecnologia. Por ser rápido e acessível, tornou-se uma das formas mais práticas para a população se manter informada sobre o mundo. Hoje, é possível ter acesso imediato a notícias de acontecimentos recentes, algo que, há alguns anos, exigia dias de espera para a obtenção de informações.

Além disso, o webjornalismo tem a vantagem de permitir uma interação mais direta com os leitores, ao possibilitar a participação em comentários, enquetes e compartilhamento nas redes sociais. Isso cria um ambiente dinâmico de troca de ideias e de formação de opinião, ao mesmo tempo em que permite que as informações sejam disseminadas de maneira rápida e amplamente acessível. Contudo, essa rapidez e acessibilidade também impõem desafios, como a necessidade de garantir a veracidade das informações e a minimização dos impactos de notícias falsas ou tendenciosas. Entre as plataformas mais populares,

destaca-se o G1, um canal amplamente acessível que oferece notícias de fontes confiáveis para qualquer pessoa com acesso à internet.

O G1, como faz anualmente, trouxe informações exclusivas sobre os acontecimentos do reality show Big Brother Brasil. Sabemos que práticas racistas têm sido um tema recorrente nesses programas de TV, mas é importante analisar como o site aborda essas questões e como reage diante de episódios de racismo. Cabe observar de que maneira o G1 apresenta os fatos, que foram adotados na cobertura e se oferece um espaço para reflexões críticas sobre as práticas racistas e suas implicações na sociedade. Essa análise é essencial para entender como a mídia trabalha com essas questões raciais.

Filha de um artista renomado, Wanessa Camargo cresceu em um ambiente privilegiado, cercada pelas melhores condições possíveis. Mulher branca e loira, ela nunca enfrentou provações ou dificuldades sociais significativas, como a necessidade de lutar por reconhecimento em um contexto de desigualdades estruturais. Esse contexto de privilégios pode ter influenciado a forma como Wanessa enxerga aqueles que não compartilham de suas condições de vida. Muitas vezes, grande parte da elite branca manifesta desprezo, ignorância, conforto ou resistência em aceitar que pessoas negras ocupem os mesmos espaços de destaque e reconhecimento.

No reality show BBB 24, Davi Brito, um jovem negro, enfrentou episódios de racismo explícito. Wanessa Camargo durante o período de confinamento teve atitudes racistas em relação a Davi, sendo posicionamentos preconceituosos, que incluíram comentários ofensivos e posturas que reforçam o racismo. Essas ações destacam o racismo, e assim, olhando para social, a participante se encaixa com o grupo social e racial de privilégios.

Wanessa foi amplamente criticada por essas atitudes, o que gerou debates sobre a necessidade de indivíduos privilegiados reconhecerem seus erros e se empenharem ativamente na luta antirracista. O caso também reforça a urgência de enfrentar o racismo em todas as suas formas, seja estrutural ou interpessoal, buscando uma sociedade mais igualitária e justa para todos. Diante desses acontecimentos, veremos alguns trechos de reportagens do G1 que abordam essas atitudes e sua repercussão.

A primeira reportagem que selecionamos para análise, publicada pelo site G1 no dia 18 de março de 2024, aborda a desclassificação de Wanessa no BBB 24, ocorrido no dia 2 de março no respectivo ano, após um episódio de conflito dentro da casa. O texto detalha os eventos que levaram à sua expulsão e inclui o posicionamento da equipe da cantora.

Figura 1 - Reportagem 1

Equipe de Wanessa comenta desclassificação da cantora do BBB 24 por agredir Davi: 'Foi desafiada a lidar com seus medos'

Na madrugada deste sábado (2), após a festa, Wanessa começou a correr dentro de um dos quartos e bateu na cama do Davi. Ele se sentiu agredido e reclamou no confessionário.

Por g1

Fonte: G1 (2024)[1]

Podemos perceber, de imediato, que o título combina um evento factual: “equipe de Wanessa comenta desclassificação da cantora do BBB 24”, com uma explicação interpretativa em tom de defesa: “foi desafiada a lidar com seus medos”. Há um contraste entre a informação objetiva e a tentativa de justificar ou suavizar o ocorrido, utilizando uma linguagem mais subjetiva e emocional.

A estratégia argumentativa é tentar posicionar a situação como algo relacionado ao estado de espírito/emocional de Wanessa, na tentativa de conquistar a empatia do público, principalmente branco. A contextualização apresentada pela equipe mostra diferentes interpretações das ações de Wanessa. A equipe adotou uma linguagem mais emotiva para comentar o caso, associando o comportamento da artista a desafios pessoais vivenciados por ela no reality show, algo que reflete as ideologias da linguagem e questões sociais que interagem com o racismo linguístico.

[1] Disponível em: Equipe de Wanessa comenta desclassificação da cantora do BBB 24 por agredir Davi: 'Foi desafiada a lidar com seus medos' | Pop & Arte | G1. Acesso em: 30 jun. de 2024.

Nascimento (2019, P. 22) afirma que apesar da língua não ter cor, ela ganha tonalidades quando se trata de política, gênero, etnia, orientação sexual e classe. Nessas circunstâncias, a língua passa a refletir e representar dinâmicas de poder em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo egoísmo estrutural. Apesar das tentativas da elite branca de adotar um discurso antirracista, muitas vezes, esse esforço resulta na prática de um racismo implícito, perpetuando desigualdades de maneira sutil.

Ao analisar esse trecho inicial, percebemos que o programa enfatiza a importância de um comportamento respeitoso entre os participantes, estabelecendo essa conduta como uma expectativa fundamental para a convivência no confinamento. No caso de Wanessa Camargo, esperava-se, no mínimo, uma postura de respeito, considerando que essa é uma expectativa básica em um programa como o BBB. No entanto, a equipe opta por "suavizar" a situação por meio da linguagem.

Assim, ao descrever o incidente como um desafio para "lidar com seus medos", apresenta-se uma explicação superficial e evasiva, que desvia o foco do comportamento inadequado, transformando um ato de desrespeito em uma questão meramente fisiológica ou emocional. Essa abordagem não apenas minimiza a gravidade da situação, mas também evidencia uma tentativa de distorcer os fatos de forma pública, buscando justificar um comportamento inadequado e desviar a atenção das reais implicações do ocorrido.

Esses discursos evidenciam o quanto a mídia perpetua o racismo. Nesse ambiente virtual, que discute as circunstâncias do reality show, o webjornalismo demonstra preocupação em oferecer explicações ao público sobre as atitudes da jogadora dando pouco espaço para a escuta de quem sofreu com as atitudes racista. No entanto, sendo parte de um sistema público, o mínimo esperado seria a adoção de uma abordagem coerente e igualitária para os casos apresentados. Mais uma vez, porém, isso não ocorre.

Nascimento (2019) ressalta como o racismo está profundamente enraizado em diferentes aspectos da sociedade, sendo manifestado, de forma marcante, por meio da linguagem. Nessa perspectiva, entendemos que a língua não só reflete, mas também reforça preconceitos e hierarquias sociais, reproduzindo estereótipos e

desigualdades que perpetuam a discriminação racial em contextos diversos, desde o cotidiano até as esferas institucionais.

Abaixo apresentamos um trecho retirado do corpo da reportagem 1, no qual é apresentado o comentário feito pela equipe da cantora na rede social oficial da artista, no Instagram.

Figura 2 - Trecho do corpo da reportagem

Fonte: G1 (2024)

No trecho extraído do corpo da reportagem 2, o foco recai sobre a imagem negativa que a repercussão dos ataques da cantora pode causar. No entanto, a linguagem utilizada no fragmento reflete uma tentativa de mascarar atitudes físicas e verbais relacionadas a um episódio marcante na vida do atual campeão do BBB. Um exemplo disso é o uso do termo "infelizmente", que expressa uma indignação superficial em relação a algo que, apesar de indesejado, aconteceu. Desse modo, as ideologias de linguagem estão permeando a construção da supremacia branca, pois se tratar de um crime que agressora cometeu. Esse tipo de construção sugere que o ocorrido “prejudicou” a vida de alguém da elite branca, que se diz “antirracista”.

A linguagem é um instrumento de poder, ela desempenha um papel central na construção e manutenção de relações de dominação. No contexto dos acontecimentos no reality show, observamos, por um lado, que os agressores utilizam a linguagem não apenas para atacar suas vítimas, mas, por outro, buscando legitimar suas ações e justificar comportamentos que poderiam ser considerados inaceitáveis.

Nascimento (2019) discute como a linguagem, além de ser um meio de comunicação, atua como um dispositivo que legitima desigualdades raciais. Através da escolha de palavras, discursos reforçam estereótipos e hierarquias sociais, consolidando a discriminação e marginalização de grupos minoritários, refletindo as desigualdades existentes, contribuindo para a sua reprodução e fortalecimento dentro da sociedade.

No caso de Davi, um homem negro, sua fala era constantemente reprimida, e tudo o que ele expressava era interpretado de maneira negativa, sendo tratado como arrogante ou inadequado. Fanon (2008), em seu livro *Pele negras, máscaras brancas*, argumenta que as pessoas negras vivem sob opressão em uma sociedade desigual, que tenta apagar suas histórias e identidades raciais, forçando-as a adotar os padrões da cultura branca. Esse processo gera tensões e conflitos entre pessoas negras e brancas, refletindo as desigualdades estruturais impostas por essa sociedade.

A identidade negra é frequentemente definida em relação à identidade branca. O autor argumenta que a civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro “um desvio existencial” (Fanon, 2008, p. 30), distorcendo e reconstruindo a percepção da própria individualidade. Assim, os negros são forçados a adotar "máscaras" que os afastam de suas próprias características e em sua ancestralidade.

Em relação à linguagem, na opinião do autor, “na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura. Esta promessa não se cumpre, todavia, quando vivenciada pelos negros” (Fanon, 2008, p. 15), nesse sentido, essa "promessa de reconhecimento" não se cumpre para os negros, ou seja, embora eles também dominem a linguagem e a cultura dominante, o processo de reconhecimento e inclusão plena na sociedade não ocorre da mesma forma. Para os negros, a linguagem muitas vezes está imbuída de significados distorcidos ou estigmatizados, que reforçam a marginalização e a exclusão social, em vez de promover o pertencimento e a validação de sua identidade.

Esse cenário também se reflete em programas de TV, nos quais participantes de diferentes classes sociais interagem. Muitas vezes, indivíduos brancos, que se apresentam como antirracistas, não aceitam que uma pessoa negra ocupe a mesma posição social que eles.

Além disso, é importante destacar que a mídia frequentemente tenta mascarar esses atos. Em vez de divulgar ações que defendam as vítimas, ela tende a minimizar o comportamento do agressor racista. Em busca de conteúdo para este trabalho, utilizando diversos critérios para encontrar reportagens sobre os ataques contra Davi.

A expectativa era encontrar mais materiais que abordassem como a vítima se sentiu diante de uma situação racista. No entanto, os resultados não corresponderam às expectativas, já que a maioria das reportagens parecia focar na “defesa” da agressora, enquanto pouco se falava sobre os impactos sofridos pela vítima. A seguir, analisaremos esses aspectos com mais detalhes.

Figura 3 - Histórico de pesquisa da reportagem

Fonte: G1 (2024)

No recorte acima, podemos observar o histórico de pesquisa e, logo abaixo, os resultados que apareceram após a busca. Embora algumas reportagens relacionadas tenham surgido muitas delas não tratavam diretamente de Davi, mas sim dos desdobramentos envolvendo os agressores. Isso evidencia como o webjornalismo, em alguns casos, contribui para a perpetuação de práticas desiguais. Portanto, é fundamental ter cuidado ao selecionar as fontes de informação, evitando ser influenciado por discursos que possam incitar ódio ou desviar o foco do debate central.

Irvine (1989, p. 255) diz que “o sistema cultural (ou subcultural) de ideias sobre as relações sociais e linguísticas, juntamente com sua carga de interesses morais e políticos - que é um fator mediador crucial” defende que as relações sociais

e linguísticas estão interligadas e são moldadas pela sociedade com base em sua cultura e subcultura.

No caso do webjornalismo, especificamente no G1, nosso objeto de estudo, podemos compreender, a partir das concepções de Irvine (1989), que as relações sociais estão profundamente conectadas a valores, normas e interesses. No entanto, percebemos que o atual campeão não recebeu uma repercussão positiva na mídia jornalística, exceto em situações relacionadas a pedidos de desculpas ou em menções a conflitos e brigas em que esteve envolvido.

Assim, fica evidente que a linguagem é frequentemente utilizada para atender aos interesses dominantes. Por exemplo, Wanessa Camargo, por assumir uma posição de destaque, branca, e ocupar a classe social alta, certamente atrairia mais audiência com textos que a colocassem como vítima, independentemente do contexto real. É desse modo que o racismo na linguagem está presente, de forma implícita, nessas redes de informação, que acabam reforçando estruturas de poder.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar as ideologias da linguagem presentes nas reportagens do site G1 sobre o Big Brother Brasil 2024 (BBB 2024), com o intuito de investigar como o webjornalismo aborda a temática do racismo, especificamente nas reportagens publicadas pela plataforma do G1, e de compreender de que forma a linguagem contribui para a construção de estereótipos e desigualdades raciais nas reportagens.

Com foco na análise das ideologias da linguagem presentes nos trechos das reportagens, essa abordagem crítica e instigadora trouxe à tona outros pontos importantes a serem destacados, como a ênfase nas reportagens que tratavam de pedidos de desculpas por parte das pessoas envolvidas em atos de racismo. A partir da análise dos textos, foi possível identificar diversos momentos em que a linguagem foi utilizada como um meio para deixar implícito ou amenizar as práticas racistas ocorridas durante o reality show.

Além disso, a cobertura jornalística contribui para a perpetuação de estereótipos raciais, ao evidenciar certos posicionamentos que reforçam essas desigualdades. É fundamental que a cobertura jornalística adote um papel ativo no combate à discriminação e na promoção de uma sociedade mais igualitária.

A escolha deste tema de pesquisa surgiu a partir da observação dos posicionamentos contraditórios adotados por alguns veículos de webjornalismo. Por isso, optou-se por analisar sites de grande alcance e credibilidade, aos quais a população recorre para se manter informada.

Embora o jornalismo digital ainda seja um campo relativamente novo e nem sempre considerado confiável, o G1 foi escolhido pela sua ampla influência e alcance. Contudo, observou-se que o site demonstrou um viés favorável às questões que poderiam beneficiar a cantora famosa, rica e branca, Wanessa Camargo. Ao dar maior destaque às reportagens sobre suas desculpas, o G1 acaba revelando, de forma implícita, seu posicionamento editorial em relação ao caso.

A internet, com sua rapidez e alcance, tem o poder de transmitir discursos de ódio, preconceitos, racismo, desigualdades e até apologia à violência e ao sexo. Esses conteúdos estão amplamente disponíveis e acessíveis a toda a população,

incluindo crianças, jovens, adultos e idosos. Nesse contexto, é essencial questionarmos o tipo de informação que a mídia nos oferece.

Por outro lado, também é importante destacar que a mesma tecnologia pode ser utilizada de forma positiva, promovendo a disseminação de conteúdos que incentivem a defesa de direitos, o combate ao racismo e outras causas sociais importantes. Assim, o objetivo principal desta pesquisa foi analisar criticamente as ideologias da linguagem, identificando como a temática racial é construída e percebida no ambiente virtual.

Ao concluir este estudo, fica evidente a necessidade de mudanças estruturais no webjornalismo, de modo a garantir mais profissionalismo no tratamento de questões raciais e temas relacionados à diversidade e inclusão. Seria importante que as equipes de produção desses conteúdos contassem com a presença de pessoas negras, assegurando uma perspectiva mais diversa e representativa. Dessa forma, teríamos informações jornalísticas mais confiáveis, claras e coerentes, permitindo o uso da mídia sem o receio de que ela perpetue estereótipos e desigualdades.

Este estudo também traz reflexões relevantes tanto para o âmbito acadêmico quanto para a prática docente. É fundamental que os professores desenvolvam uma visão crítica e sensível ao analisar textos relacionados a questões raciais, desigualdades e preconceitos. Com esse cuidado, é possível evitar que os alunos sejam influenciados por conteúdos que contêm elementos de racismo. O webjornalismo, embora essencial para a comunicação, deve ser utilizado como uma ferramenta para informar, conscientizar e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Além disso, aumenta nosso interesse em expandir esta pesquisa por meio de trabalhos futuros que, por exemplo, analisem um número maior de reportagens, tanto do portal G1 quanto de outros veículos, contrastando os posicionamentos que esses sites de notícias adotam diante do contexto das questões raciais e linguísticas em nosso país.

Para aqueles interessados em aprofundar a compreensão sobre o tema abordado neste estudo, recomendam-se algumas referências, além das que já se encontram aqui neste trabalho. O livro *Racismo Estrutural,* de Silvio Almeida oferece uma análise crítica sobre as raízes históricas e as manifestações contemporâneas

do racismo no Brasil. Além disso, as obras de Stuart Hall, como *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, que discute a construção da identidade e os efeitos das representações sociais na cultura.

Por fim, a leitura de artigos acadêmicos e reportagens sobre o tema disponíveis em sites como *G1*, *BBC Brasil* e *Nexo Jornal* também são recomendadas, pois discutem questões contemporâneas com um olhar crítico sobre o papel da mídia digital na reprodução de desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra -Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020

CONCEIÇÃO, Willian Luiz Da. **Branquitude:** dilema racial brasileiro**.** Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

BRITO, Ana P. Gonçalves. Oliveira, Guilherme Saramago. Silva, Brunna Alves. **A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.44, p.1-15/2021

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

IRVINE, Judith T.; Gal, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, Paul. (ed.). **Regimeso language**: ideologies, polities, andidentities. SantaFe,NM:SchoolofAmerican Research Press, 2000. p. 35-83.

IRVINE, J. T. (1989). **When talk isn't cheap:** language and political economy. American Ethnologist, v. 16, n. 2, p. 248-267

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico:** os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019

MARTINS, Junior, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso:** instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. 6. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012.

MILROY, James. Ideologias linguísticas e as consequências da padronização. In: LAGARES, Xoán; BAGNO, Marcos. **Políticas da norma e conflitos linguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SCHUMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo":** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana**.** Orientadora Leny Sato. São Paulo: [s.n.], 2012. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no brasil:** identidade nacional *versus* identidade negra**.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

PALACIOS, Marcos. **O Jornalismo na Web: Uma Contribuição para o Estudo do Formato Jornalístico na Internet**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 1, n. 16, p. 77-88, 2001.